

A ESCRITA DE SI COMO MANEIRA DE DESTERRITORIALIZAÇÃO DO EU, EM *DOCTOR PASAVENTO*, DE ENRIQUE VILA-MATAS

THE WRITING FROM YOURSELF, AS WAY OF DETERRITORIALIZATION OF THE I, IN *DOCTOR PASAVENTO* BY ENRIQUE VILA-MATAS

Rosana Arruda de Souza¹

Resumo: Cunhado *a priori* por Deleuze e Guattari, o conceito de desterritorialização vem sendo mobilizado, atualmente, para remeter às mudanças e formações de territórios quando tomados além do significado geográfico e físico. Os territórios se tornaram conjuntos de significações possíveis, as quais impetram poder por tanto se repetirem, causando agenciamentos. Propomos empregar tal conceito para a análise de *Doctor Pasavento*, por considerarmos que o narrador-protagonista do romance, ao contar sua história, transita entre territórios de significações, mais especificamente, territórios de memórias e identidades.

Palavras-chave: desterritorialização, Doctor Pasavento, identidades.

Abstract: A priori created by Deleuze and Guattari, the concept of deterritorialization has been mobilized, today, to refer to the changes and formations of territories when taken beyond the geographic and physical meaning. Territories have become clusters of possible meanings, which impel power because so much repeat themselves, causing agency. We propose to use such a concept for Doctor Pasavento analysis, since we consider that the narrator-protagonist of the novel, in telling his story, transits between territories of significations, more specifically territories of memories and identities.

Keywords: deterritorialization, Doctor Pasavento, identities.

[...] Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

No presente trabalho, transitarei pelos veios das múltiplas possibilidades de (auto)abordagem do eu, ou do ser eu, às quais me remete o processo da escrita de si,

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Bolsista CAPES/FAPEMAT. e-mail: rosanaarrudasouza@hotmail.com

tendo por objeto de análise trechos da narrativa *Doctor Pasavento* (2006), de Enrique Vila-Matas. Para tanto, em vez de vincular-me ao aporte teórico acerca da escrita memorialística de praxe no que tange à escrita de si, decidi vincular-me ao fenômeno da desterritorialização. Ocorre que me parece cabível trazer o fenômeno para tratar da escrita de si, a partir do momento que escrever sobre mim me coloca em uma rede de temporalidades e territórios aquém e além do meu *locus* de vivência da realidade factual.

Dessa maneira, a escrita de si se instala no interregno das incertezas do ser eu e, portanto, a própria teorização do ato de escrever de si coloca o sujeito criador no terreno do intraduzível, posto que seria possível apenas falar do outro, mas nunca pelo outro e duas matérias ocuparem o mesmo lugar. A teorização de um objeto pressuporia a sistematização/organização de atos sob o olhar de uma banca de intelectuais, entretanto, a escrita de si, aqui considerada instalada em territorialidades, e não em um território delimitado, não caberia na teorização objetiva dos atos, senão em uma teorização que se propusesse movente, não-limitada e no entre-lugar das subjetividades.

O sujeito, caminhante nos veios das incertezas, aparece no romance *Doctor Pasavento*. Basicamente, trata-se de um narrador-protagonista que narra em 1º pessoa enquanto faz uma viagem à Sevilla, para onde havia sido convidado para palestrar a respeito das relações entre a realidade e a ficção. A viagem geográfica conluída às viagens psicológicas do narrador não é novidade no campo literário, vimo-la em *Viagens na minha terra* (1846), de Almeida Garrett, por exemplo. Entretanto, o narrador de *Doctor Pasavento* vai um pouco mais adiante, estabelece certas teias epistemológicas sobre a escrita de si, vinca-se como um sujeito triplo, que tem três identidades, além de trazer para o seu texto nomes da realidade factual, como Barthes, Robert Walser, *Bob Dylan*.

Assim, a narrativa acaba sendo um ensaio intratextual para a palestra que o narrador faria acerca das relações entre realidade e ficção, e, um ensaio extratextual, por pontuar teses do ato da escrita que levariam o leitor a confundir ou entrelaçar os gêneros romance e ensaio em uma só narrativa.

O FENÔMENO DA DESTERRITORIALIZAÇÃO

Considerar a escrita de si como maneira de caminhar entre territorialidades demanda a exposição do que se entende aqui, primeiramente, por território e, posteriormente, por territorialidade.

Os estudos contemporâneos sobre o território promoveram o deslocamento do conceito da instância geográfica para a instância discursiva. Marcar território, outrora, aludia a delimitar um espaço físico, no entanto, a delimitação de um espaço requer muito

mais que os vincos físicos, como muros e cercas. O território se delimita pela urdidura das relações de força do eu sobre o outro e de vários outros entre si. As pessoas, assim, agenciam-se em prol de um interesse comum e o agenciamento viria a constituir um muro de interesses que impediria as pessoas de interesses outros transporem tal muro e pisar o pé no território que não lhes pertencem e onde elas não cabem.

Assim, quando mencionamos territorialidade em vez de território, caminhamos para a diferença entre o espaço delimitado e fixo, para o espaço movediço, de membrana permeável e que permite o transladar entre ele e os territórios contíguos e os territórios novos que se formam, resultados das pontes estabelecidas entre os anteriores. O sufixo “idade” agregado ao termo território prefigura não apenas a transmutação semântica do termo, mas do objeto nas práticas sociais que também passa a permitir agregações.

O conceito de desterritorialização cunhado *a priori* por Deleuze e Guattari e, atualmente, estudado por Haesbaert (2003), Haesbaert e Bruce (2002) e Zolin-Vesz (2015), permite-nos pensar nos limites cruzáveis e, nessa perspectiva, a fronteira entre os territórios deixaria de ser a limitação entre eles, mas a linha das possibilidades e do diálogo entre as diferenças. O território passaria a se referir a todo e qualquer conjunto de significações possíveis, todo ato que se repete, toda palavra que proporciona agenciamento. A nossa caminhada de um território a outro está instalada no ato de saída, chegada e também no ato puramente transitório, pois o que permitiria a multiplicidade de significações seria a permanência na fronteira. “As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16).

No crivo do raciocínio de Deleuze e Guattari, Haesbaert (2003) argumenta que o território não deve ser visto nem simplesmente como um objeto em sua materialidade, nem como um mero recurso analítico elaborado pelo pesquisador, assim como não é algo dado, presente de forma inexorável na nossa vida, também não é uma mera invenção, seja como instrumento de análise dos estudiosos seja como parte da ‘imaginação geográfica’ dos indivíduos.

Dessa maneira, assevera-se o território não condicionado ao espaço geográfico, mas como uma forma de controle e disciplinarização do eu e dos outros:

o território envolve sempre, ao mesmo tempo [...] uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de 'controle simbólico' sobre onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação) e uma dimensão mais concreta de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1999, p. 42 apud HAESBAERT, 2003).

Estar num território definiria, assim, estar sob um controle, mas um controle que nos convida a “desregularização”, ou seja, ao ato de saída. Deleuze e Guattari associam a desterritorialização ao desejo e, entendo aqui, o desejo como a abertura ao novo e que necessita de gatilho reverso, de um algo-contra, que nos provoque o anseio de saída. A saída de um território a outro, bem como a chegada e o retorno refletiria os atos de desapropriação e apropriação e reapropriação – saímos das amarraduras de território antigo, onde achamos que não cabemos mais; amarramo-nos ao novo território, onde nos identificamos com o outro; voltamos à casa de origem, quando percebemos que o novo território não é a grama verde que imaginávamos e desejamos o retorno ao útero.

Assim, pretendo descrever o eremita no qual se transforma o sujeito ao escrever-se escrevendo de si. Torna-se um caminhante, um viajante a um lugar de promessas para a reconstrução do eu no cotidiano das práticas sociais, mas acaba tendo que retornar, ao perceber que o novo território, e agora cabe pontuar, o território das memórias, não lhe trouxe o bem prometido, só o fez colocar-se diante do espelho e não apaixonar-se pela própria imagem. Farei isso, porque várias construções podem ser feitas sob e sobre o conceito da desterritorialização, pois encontro aberta a senda ao raciocínio do não-intelectual, mas que estabelece relações tão imbricadas quanto a proposta de pensamento do rizoma que “busca se contrapor, mas sem negar, o pensamento arborescente ”(HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 04), ou seja, o pensamento hierarquizado ao que se supõe superior. Dessa maneira, “há muitas pontes a serem construídas sob a inspiração de desterritorialização deleuze-guattariana” (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 03).

DESTERRITORIALIZAÇÃO DO EU EM *DOCTOR PASAVENTO*

Meu estudo, daqui em diante, perpassará excertos da narrativa *Doctor Pasavento* e que possibilitem a construção/continuidade da linha de raciocínio até aqui engendrada. Portanto, não se trata de um estudo da obra, mas de uma leitura possível da obra cujos excertos foram destacados para serem trabalhados em conluio com a base teórica apresentada. De maneira que cada leitor poderá entender o resultado como um conjunto de traços analíticos sem uma espinha dorsal, sendo um rizoma, análise metonímica de apego a partes da obra pelo todo – mas se são partes, é porque se sublevam a um todo, podem até se contrapor, mas não negam este último – e é essa a intenção.

No primeiro capítulo do romance, deparo-me com um narrador, até então não-nomeado, que recebe de seu colega de passeio o seguinte questionamento:

—¿De dónde viene tu pasión por desaparecer?

Mi acompañante deseaba saber de dónde venía esa idea de desaparecer que tanto anunciaba yo en escritos y entrevistas, pero que no acababa nunca de llevar a la práctica. La pregunta me cogió más bien desprevenido, pues andaba en ese momento distraído pensando absurdamente en un gol que había marcado Pelé en el remoto Mundial de fútbol de Suecia. Así que no escuché bien del todo la pregunta y pedí que me la repitieran.

— Pues no lo sé — terminé al poco rato contestando—, ignoro de dónde viene, pero sospecho que paradójicamente toda esa pasión por desaparecer, todas esas tentativas, llamémoslas suicidas, son a su vez intentos de afirmación de mi yo (VILA-MATAS, 2006, p. 05).

No excerto acima, aufero os intentos de um eu que conta de si para um colega a respeito de sua paixão por desaparecer – “tentativas de afirmação do meu eu”. Desde já, penso na tentativa de desaparecimento do eu que se daria no processo de escrita. Conforme relata o narrador, a paixão por desaparecer se dava em seus escritos e entrevistas, porém que não acabava nunca por levar a prática. A escrita em 1º pessoa promoveria o trânsito ao território que é o interregno da pausa-satisfatória em relação ao mundo cotidiano, seria o momento de reflexão e autorreflexão e desligamento do mundo cotidiano – uma tentativa malogra de autodesaparecimento.

Escrever de si seria então um desterritorializar-se sem fim, um desaparecer-se do território da realidade factual, ao mesmo tempo sem negar a existência desta, pois a escrita do eu só se tornaria possível por meio do eu pré-escrito na realidade factual. Um só já são vários eus, no entanto a nova identidade, criada via a ficção, entrelaça-se ao eu da realidade factual com que os outros eus têm o elo da identificação, nem que seja identificação por oposição: não gosto de quem sou na escrita do mundo cotidiano, então busco outros eus na escrita pessoal que sejam o oposto daquilo que vejo no espelho e que é a imagem de mim, com a qual me identifico. Ao longo da narrativa, o protagonista anuncia que soubera do desaparecimento de um certo doutor Pasavento e descobrimos, posteriormente, que o doutor era uma de suas identidades.

“Ao final, tudo perde seu sentido, mas a máquina de escrever segue comigo” (VILA-MATAS, 2006, p. 05). No percurso da narrativa, percebo-a como um ensaio para o ato de uma escrita final que se dará quando enfim o narrador chegar ao destino de sua viagem e pronunciará sobre as relações entre a realidade e a ficção na palestra a qual foi convidado. Este seria o momento em que eu, leitora, ver-me-ia diante, enfim, do narrador colocado em uma função social, o palestrante, e dirigindo-se a um público que passaria a ser, junto a mim, testemunha das reflexões do narrador. No entanto, quando, enfim, chega ao destino, e quando, enfim, é nomeado por um sujeito outro na história – chamam-no Pasavento – ele foge para Nápoles e lá se hospeda.

O leitor tem sua expectativa quebrada ao perceber que a narrativa, que outrora lhe prometia uma transição do narrador do território da reflexão monologada para o território da interlocução, é trapaceada pela fuga do narrador. Este último continuará suas reflexões sobre o ato da escrita, mas sua fuga do território do outro estranho – o público da palestra que não houve – parece a tentativa de refugiar-se no território dos eus que surgem de suas reflexões.

Chamo dadas instâncias de território como o eu/outro, a realidade/ficção, o passado/presente, porque considero que cada uma das instâncias, seja pareadas ou não, constituem formas de controle do eu-narrador, que promove uma reorganização de certos fatos de sua vida à medida que foge da palestra anunciada para visitar amigos do passado e recompor um passado que não fora escrito, ou, ao menos, nunca fora publicado:

teniendo en cuenta todo esto, no habrá de parecer extraño si digo que hoy, caminando de regreso al Hotel de Suède, andando por el boulevard Saint-Germain, he intentado convencerme a mí mismo de que **era una gran suerte ser consciente de que, a fin de cuentas, el doctor Pasavento no había publicado nunca nada y por lo tanto no tenía detrás el peso de una obra**, no tenía nada de lo que arrepentirse, podía vivir a fondo su bella infelicidad, su llamémosla «ética del hielo y la desesperación» (VILA-MATAS, 2006, p. 88, grifo nosso).

Considero o espaço do não-publicado como o território do não-traduzido, daquilo que tem sentido quando permanece não transposto ao outro. Esta seria a pretensão dos diários, por exemplo. No entanto, o ato da *desaparición* malogra quando tornamo-nos leitores de nós mesmos e o que foi escrito é transposto a um outro diferente daquele que escreveu. Esse é o momento em que nos colocamos diante de um espelho coberto, ou o momento de chegada a Sevilla, em que teremos de palestrar sobre nós: sobre a relação da realidade com a ficção – do eu com os diversos eus. Daí em diante, damos um passo para trás e entregamo-nos à fuga a ver nossa imagem refletida no espelho e transposta a um público.

O público como leitor dos vários eus produzidos na escrita constituiria um território estranho, diante do qual o sujeito se coloca em prontidão, posição de alerta ou, simplesmente, parte para a fuga.

¿Quién era yo? ¿Alguien que se daba a sí mismo por desaparecido? ¿Alguien con un sombrero de fieltro? [...]A decir verdad, yo era alguien que empezaba ya a estar cansado de tantos gestos repetidos a diario [...]. Cada día me deprimían más las repeticiones y todo comenzaba a parecerme insoportable. Levantarse, vestirse, comer, escribir, defecar, desvestirse, acostarse. Todo me lo sabía ya de memoria, hasta la locura.

¿Cuántas veces, por ejemplo, había visto llover en mi vida? Escribí mentalmente un poema que hablaba de mis ansias grandes de realizar una excursión al fin de la noche, un deseo total de viajar sin retorno. Cuando terminé el poema, vi que llovía con más fuerza que antes, y ya no se veían las calles, el exterior había quedado completamente borrado. Se podía ya perfectamente viajar hacia el fin de la noche (VILA-MATAS, 2006, p. 112).

O excerto acima me remete ao conceito de território tangente a atitudes que foram normatizadas, tornando-se um arcabouço de controle para a vivência diária do narrador. Este fala dos hábitos de sua rotina (levantar-se, vestir-se, comer, escrever, defecar etc.), dos quais ele está cansado. Quando o sujeito se cansa de sua atitude rotineira, desencadear-se-ia o desejo de cruzar as barreiras de controle e visitar outros territórios. Zolin-Vesz (2015) exemplifica a criação de um território pelo garfo que leva a comida do prato à boca. Dessa forma, o território seria uma relação, ocasionada pelo hábito que exerce controle num espaço.

Seguindo a perspectiva deleuze-guattariana, um dos componentes do território é o desejo que

seria maquínico, produtivo, construtivo. Nunca desejamos só uma coisa, desejamos sempre um conjunto de coisas. Por exemplo, uma mulher não deseja apenas um vestido, mas deseja também pessoas olhando para ela, deseja uma festa onde possa usar o vestido, deseja uma cor, uma textura; um músico não deseja apenas um bom instrumento, ele quer harmonia, sonoridade, uma plateia, um lugar, etc. Dessa forma, o desejo vem sempre agenciado. Nessa concepção, o desejo cria territórios, pois ele faz uma série de agenciamentos (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 05).

Do mesmo modo, no excerto citado anteriormente, de quando o narrador diz da escrita de um poema que retrata todas as suas ânsias e que isso também seria “un deseo total de viajar sin retorno”, entendo que o desejo seria representativo de um repertório de querereres que culminariam no ato de desaparecer, já perpassado no início da narrativa. O narrador aliaría constantemente o ato de escrita ao ato de desaparecer, como se escrever sobre si proporcionasse o desaparecimento do eu: “escribir era un desposeerse sin fin, un morir sin detención posible” (VILA-MATAS, 2006, p. 23).

O que Pasavento chama de desaparecer, por meio da escrita de si, chamo de desterritorializar-se. A escrita seria um meio de engendrar territorialidades, ou seja, de tonar o território movente e as fronteiras atravessáveis permitindo o contato com os estrangeiros além da fronteira ou com os outros eus de mim mesmo.

REFERÊNCIAS

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. ***Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia***. vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. *Geographia*, v. 4, n. 7, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. *Boletim Gaúcho*, v. 29, p. 11-24, 2003.

VILA-MATAS, Enrique. ***Doctor Pasavento***. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/wecnnpec1wqykol/246783110-Vila-Matas-Enrique-Doctor-Pasavento.pdf?dl=0>>. Acesso em: 14 maio 2017.

ZOLIN-VESZ, Fernando. ***Esse é o final de uma era triste e o começo de uma fase muy feliz***: translinguismo em telenovelas brasileiras. 132 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.